

RESENHA

QUEM NÃO TEM FERRAMENTAS DE PENSAR INVENTA, — OUTRAS FORMAS DE LER UM POEMA

Fernanda Raquel Oliveira LIMA¹

Ao ouvir um poema de Manoel de Barros, mesmo que pela primeira vez, suspeito logo a autoria, eles costumam me levar de imediato ao universo dos sentidos, quase posso tocar as palavras (não sei bem se elas mesmas ou se as imagens, os cheiros, as sensações, as “desimportâncias” da vida, os objetos “desinventados”). “*História da unha do dedão do pé do fim do mundo*” – um vídeo integrante da exposição “*Arte para Crianças*”, do Museu Vale do Rio Doce – parece ter sido produzido por pessoas que também sentem Manoel de Barros mais do que o leem.

A animação produzida pela Lumen Argo, com direção e desenhos de Evandro Sales, roteiro de Bianca Ramoneda, músicas de Tim Rescala e animação de Márcia Roth (disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=vpvoUmOegUU>>) nos proporciona uma das materializações possíveis de alguns poemas de Manoel de Barros. O resultado é um pequeno vídeo (pouco mais de nove minutos) que parece destinado ao público infantil, em um primeiro momento, mas que logo se mostra sensível à infância de um adulto de hoje – tal como se dá, talvez, com os próprios poemas do autor.

Os bonitos textos de Manoel de Barros selecionados para compor o vídeo contam a história de um menino poeta, que gostava de “carregar água na peneira”, de fazer “peraltagens

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora – MG. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – *Campus* São Paulo. Endereço eletrônico: < frol@ifsp.edu.br >.

com as palavras", que vivia na "unha do dedão do pé do fim do mundo". O menino-personagem faz exatamente o que, a meu ver, é uma das maiores belezas da literatura: brincadeira com a linguagem. Os poemas revelam uma criança de outra época, ou apenas de outro lugar, de uma vida mais simples (rica de "ignoranças"), em que se inventa, pois não existem tantas ferramentas de pensar. No tempo e no espaço nos quais me encontro hoje, observo serezinhos em desenvolvimento completamente ocupados pelas mais diversas ferramentas de pensar, sem olhares disponíveis para os grilos ("Um grilo é mais importante/ que um navio./ Isso/ do ponto de vista/ dos grilos").

A animação, com seus desenhos simples e sua trilha sonora que remete ao universo pueril, consegue captar a doçura e a singeleza dos poemas escolhidos de Manoel de Barros (poemas que talvez não tenham sido feitos interessadamente para crianças, mas cujo encantamento coincide com a imagem da infância). Dessa forma, alcança a sensibilidade de crianças, jovens e adultos, cada uma dessas fases com a percepção que lhe é própria. A apresentação finda, mas trechos do poema continuam ecoando na mente do espectador, construindo mil sentidos: "No estágio de ser árvore, meu irmão aprendeu de sol, de céu e de lua mais do que na escola". Tal como o menino-personagem brinca com as palavras, o vídeo brinca com a linguagem visual, joga com os sons, formando um todo muito agradável aos olhos, aos ouvidos, às emoções, às "insignificâncias (do mundo e as nossas)".

O trecho, que permanece ecoando, bem como meu incômodo com relação ao excesso de ferramentas de pensar no universo infantil da contemporaneidade, me levam a pensar na utilização dessa animação em sala de aula: uma forma de aproveitar recursos hipermediáticos também nos projetos de letramento literário, propiciando outras formas de ler um poema.

A leitura do livro, o manuseio do material escrito, a leitura da imagem intercalada ao poema é, sem necessidade de argumentação (ao menos para os apaixonados pelo universo da leitura literária), o principal caminho para o trabalho com a literatura no contexto escolar. O vídeo da Lumen Argo, no entanto, pode funcionar de forma bastante positiva no processo de aproximação das crianças aos poemas, uma vez que a linguagem visual criada produz sentidos que dialogam harmonicamente com a linguagem verbal e podem auxiliar nas possibilidades de interpretação. Poema e produção em vídeo podem servir de incentivo para que os estudantes também brinquem com palavras, com imagens, com sons, com mídias. Um caminho para

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 1, pp. 109-111. Resenha, por Fernanda Raquel Oliveira LIMA.

aprender a inventar também com as ferramentas de pensar que hoje nos são oferecidas com fartura. Para concluir com Manoel de Barros, cito dois versos de “*Apanhador de desperdícios*”:
“Porque eu não sou da informática:/ eu sou da invencionática./Só uso a palavra para compor meus silêncios”.

Envio: Novembro de 2019

Aceito: Novembro de 2019